

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968    Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-45-4  
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE	
Camila Mota Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL	
Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Bruno Costa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE	
Alyne de Sousa Jardim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	
Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR	
Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012036</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>71</b>
<b>MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO</b>	
Clara María Temporelli, odn	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012037</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>84</b>
<b>O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS</b>	
Fernanda Rodrigues Lagares	
Cassy Lima Santos	
Katiucia da Silva Nardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012038</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>91</b>
<b>MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ</b>	
Andréa Simone Rente Leão	
Girlian Silva de Sousa	
Edilmar Santana Quaresma	
Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012039</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>108</b>
<b>O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO</b>	
Amarildo Rodrigues da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120310</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>120</b>
<b>O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA</b>	
Edésio da Silva Pinheiro	
Laércio Farias da Costa	
José Francisco da Silva Costa	
Oselita Figueiredo Corrêa	
Josiane da Silva Moraes	
João Batista Sagica de Farias	
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira	
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120311</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>138</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>139</b>



## O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS

Data de aceite: 10/03/2020

Data de submissão: 02/12/2019

### **Fernanda Rodrigues Lagares**

Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Araguaína - Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/2742168735216479>

### **Cassyo Lima Santos**

Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Arraias - Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/4572867188461715>

### **Katiucia da Silva Nardes**

Instituto Federal do Tocantins – IFTO.

Colinas do Tocantins - Tocantins

<http://lattes.cnpq.br/7618767486825931>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é contribuir para a reflexão acerca da possibilidade de se reconfigurar cidades brasileiras a partir do Bem Viver, filosofia que questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar e que pode ser entendida como verdadeiro enfretamento à colonialidade do poder ao regressar a valores de uso, se opor ao conceito de acumulação perpétua e propor harmonia com a natureza, relacionalidade, reciprocidade, solidariedade e complementariedade entre indivíduos e comunidades. Diante da atual crise civilizatória e ambiental provocada pelo capitalismo e seu

suporte ideológico calcado no individualismo e no racionalismo, além do espaço que a mesma possibilitou às concepções de desenvolvimento distintas das do capitalismo e às experiências ecossocioeconômicas, se faz necessário discutir as configurações do maior símbolo de desenvolvimento, na concepção capitalista do termo: das cidades. No caso do Brasil, essa discussão se torna ainda mais urgente, pois o processo de fundação das primeiras cidades brasileiras, ocorrido a partir da geração de colônias, marcado por invasões e despossessão das populações locais e de exploração de seus territórios, trouxe sérias consequências às configurações de muitas das cidades atuais, condenando-as a reproduzirem os modos de vida dominantes, coloniais, modernos e capitalistas, e as fazendo incapazes de abrigar modos de vida adequados aos interesses das diferentes comunidades que compõem o povo brasileiro e as habitam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bem Viver, Desenvolvimento, Reconfiguração da Cidade.

### WELL BEING AS AN ALTERNATIVE FOR RECONFIGURATION OF BRAZILIAN CITIES

**ABSTRACT:** The objective of this work is to contribute to the reflection about the possibility of brazilian cities reconfiguring from the Well Being, a philosophy that questions

the eurocentric concept of welfare and can be understood as a true coping to the coloniality of the power when returning to the use values, oppose the concept of perpetual accumulation and propose harmony with nature, relational, reciprocity, solidarity and complementarity between individuals and communities. Faced with the current civilization and environmental crisis provoked by capitalism and its ideological support based on individualism and rationalism, in addition to the space that it has enabled development conceptions different from those of capitalism and to ecossocioeconomic experiences, it is necessary to discuss the configurations of the greatest Development symbol, in the capitalist conception of the term: of cities. In the case of Brazil, this discussion becomes even more urgent, since the process of founding the first Brazilian cities, which occurred as a result of the colonization, marked by invasions and dispossession of the local populations and exploitation of their territories, brought serious consequences to the configurations of many of today's cities, condemning them to reproduce the dominant, colonial, modern and capitalist ways of life, rendering them incapable of harboring modes of life adequate to the interests of different communities that compose and inhabit the Brazilian people.

**KEYWORDS:** Well being, Development, City Reconfiguration.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir, por meio de revisão bibliográfica, acerca da possibilidade de se reconfigurar parte das cidades brasileiras a partir da filosofia do Bem Viver. Com a atual crise civilizatória e ambiental provocada pelo capitalismo e seu suporte ideológico calcado no individualismo e no racionalismo, além do espaço que a mesma possibilitou à concepções de desenvolvimento distintas das do capitalismo e às experiências ecossocioeconômicas, se faz necessário discutir as configurações do maior símbolo de desenvolvimento, na concepção capitalista do termo: das cidades, sobretudo em razão do distanciamento que o seu reconhecimento enquanto lugar privilegiado, moderno e desenvolvido tem trazido aos modos de vida das populações tradicionais.

Embora a filosofia do bem viver ainda seja um objeto tímido nas discussões acadêmicas, quando se trata dessa mesma discussão considerando o espaço urbano, sua presença se torna ainda mais rara, talvez em razão do fato de o próprio ambiente acadêmico viver sob os ditames do sistema capitalista. Isso, somado à dificuldade de se pensar em reconfigurações de cidades, faz com que este trabalho limite seus objetivos a contribuir com a introdução das discussões que apresenta, de modo que, entendendo que esta não pode se dar de outra maneira, nos escusamos da necessidade de tratar o tema urbano com extremo rigor e da pretensão de oferecer respostas imediatas – e nos limitamos a levantar provocações.

Portanto, neste artigo, refletiremos sobre a configuração das cidades brasileiras

atuais considerando seu processo de origem e as consequências que suas características geram às comunidades que possuem modos de vida diferentes dos dominantes (coloniais, modernos e capitalistas) e a possibilidade de, diante da crise civilizatória e ambiental provocada pelo capitalismo e seu suporte ideológico calcado no individualismo e no racionalismo, além do espaço que a mesma possibilitou à concepções de desenvolvimento distintas das do capitalismo e às experiências ecossocioeconômicas, configurar parte delas elegendo a filosofia do bem viver como horizonte.

## 2 | O CAPITALISMO E AS CIDADES BRASILEIRAS

Faustel de Coulanges (1961), no prefácio de sua obra “A Cidade Antiga”, faz um alerta aos perigos do hábito que mantemos, inclusive a partir do nosso sistema educacional, de continuamente compararmos nossa história à dos gregos e romanos e explicarmos nossas revoluções pelas suas, inclusive explicitando, dentre outros, o fato de que, observando mal as instituições da cidade antiga, já se quis fazê-las reviver entre nós.

Atualmente, mesmo não mais desejando reviver as cidades antigas, e ainda que as comparações com Roma e Grécia sejam por muitas vezes substituídas ou intermediadas por comparações com outras grandes potências europeias, acreditamos que elas sejam a razão de, no Ocidente, as cidades serem tomadas enquanto símbolos de desenvolvimento e progresso.

Assumindo também a perspectiva de que as cidades são tidas como símbolo de desenvolvimento e progresso, Williams (1990) afirma que, enquanto modo de produção, o capitalismo é o processo básico por trás da maior parte da história da cidade que se conhece: “Ao longo de séculos, seus impulsos econômicos abstratos, suas prioridades fundamentais no campo das relações sociais, seus critérios de crescimento, lucro e prejuízo vêm alterando nosso campo e criando os tipos de cidade que conhecemos” (Williams, 1990 p.404).

Harvey (2009), por sua vez, denunciando a forma como o capital opera nas cidades e a quantidade de direitos que consegue exercer sobre elas, diz que as cidades, mais do que por pessoas, foram regidas pelo capital. Sua crítica se dirige ao desenvolvimento capitalista descontrolado e à expansão interminável e desordenada financiada por ele, independentemente das consequências sociais, ambientais ou políticas geradas. Ao tratar do direito à cidade, defende que lutar por ele é também lutar contra o capital (HARVEY, 2014).

Tratando especificamente do Brasil, e considerando as consequências das influências externas, seja pelo mencionado hábito de comparação e/ou pela

intervenção direta de outros países, é importante pensarmos no processo de fundação das primeiras cidades brasileiras, as quais se deram a partir da geração de colônias, de invasões e despossessão das populações locais e de exploração de seus territórios. A colonização brasileira não pode ser tratada como uma corrente migratória, ela foi acompanhada de um verdadeiro massacre ecológico e populacional.

Ibáñez (2016), ao discorrer sobre as cidades, não necessariamente brasileiras, mas que tiveram esse mesmo processo fundador, afirma que as características acima mencionadas, assim como a colonialidade em suas vidas, permanecem até hoje e que, como por condenação da Colônia, as cidades, reproduzindo os modos de vida dominantes (coloniais, modernos e capitalistas) não podem ser vivenciadas por comunidades que possuem outros modos de vida: indígenas ou rurais, por exemplo.

Por tal perspectiva, os territórios reconhecidos como cidades hoje se caracterizam como um não-lugar aos indígenas, camponeses e demais comunidades que compõem o povo brasileiro, que nelas residem, mas são fragilizados pelo sistema econômico vigente - mesmo no Brasil, país que tem os primeiros como sua população local original e que ainda em 2015, teve identificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 104 regiões como rurais.

Tal cenário ocasiona e demanda uma importante discussão sobre as diversas formas de violência sofridas nas cidades por essas comunidades, o que por si só é capaz de fundamentar uma reflexão profunda acerca da necessidade de se instaurar novos modelos de cidades no país. No entanto, a necessidade de se realizar essa reflexão é ainda fortalecida e ao mesmo tempo, oportunizada pela crise civilizatória e ambiental atual (provocada pelo capitalismo e seu suporte ideológico calcado no individualismo e no racionalismo), a qual favoreceu a conquista de espaço por concepções de desenvolvimento distintas das do capitalismo e o surgimento de experiências ecossocioeconômicas. Ambas, em nosso entender, devem ter como consequência natural a promoção de discussões acerca da necessidade de (re) configuração de um tipo novo de cidades brasileiras.

Também defendendo a reconfiguração de cidades, Harvey (2014) aponta que

Nossa tarefa política, sugere Lefebvre, consiste em imaginar e reconstruir um tipo totalmente novo de cidade a partir do repulsivo caos de um desenfreado capital globalizante e urbanizador. Contudo, isso não pode ocorrer sem a criação de um vigoroso movimento anticapitalista cujo objetivo central seja a transformação da vida urbana do nosso cotidiano. (HARVEY, 2014, p.20).

### **3 | A RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS A PARTIR DO BEM VIVER**

Para nós, considerando essa concepção de Harvey - que condiciona a reconstrução de um tipo novo de cidade a um forte movimento anticapitalista que

objetive transformar a vida urbana -, a reconfiguração de cidades brasileiras ou partes delas, pode ser pensada a partir do Bem Viver, ou seja, a partir da substituição na organização dessas cidades, da ideia de desenvolvimento pautado no estilo de vida dominante, no crescimento material sem fim – um caminho voltado para o “progresso” e tomado enquanto objetivo universal -, pela implantação de uma filosofia que busque uma harmonia entre o homem e a natureza e entre os próprios homens.

Como sustenta Acosta (2016),

Não se pode mais sustentar o discurso do desenvolvimento, que, com suas raízes coloniais, justifica visões excludentes. Requeremos um discurso contra-hegemônico que subverta o discurso dominante e suas correspondentes práticas de dominação. E, igualmente, novas regras e lógicas de ação, cujo êxito dependerá da capacidade de pensar, propor, elaborar e, inclusive, indignar-se – globalmente, se for o caso. (ACOSTA, 2016, p.34)

Dando continuidade a essa defesa por mudanças, a qual também nós entendemos como necessária, Acosta (2016) afirma nas páginas seguintes de sua obra que, por propor harmonia com a natureza, relacionalidade, reciprocidade, solidariedade e complementariedade entre indivíduos e comunidades, com seu regresso a valores de uso e sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, o Bem Viver abre as portas para a construção de um projeto emancipador para a formulação de alternativas de vidas - e, nós acrescentamos, conseqüentemente, para a reconfiguração de cidades.

Em conformidade com as ideias apresentadas por Acosta (2016), nos parece que, há grupos no Brasil que, aos poucos, têm começado a compreender que o crescimento baseado em inesgotáveis recursos naturais é equivocado e que a adoção do estilo de vida dominante em nosso país é inviável. A maioria das pessoas não só não têm alcançado o bem-estar material como ainda têm sido afetadas em suas liberdades, identidades e até mesmo segurança.

É por isso que defendemos, em meio à atual crise do capitalismo, a luta por uma nova organização social a partir de uma reconfiguração de cidades brasileiras, de seus espaços e valores, e acreditamos que, sendo uma proposta de enfretamento à colonialidade do poder, questionadora do conceito eurocêntrico de bem-estar, pode a teorização do Bem Viver ser pensada como um dos princípios norteadores dessa luta, uma vez que, enquanto

Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudanças, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. (ACOSTA, 2016, p.40)

Concedendo o devido valor às experiências locais e à soma das histórias de

lutas das comunidades, características da filosofia trazidas acima através de Acosta (2016), há quem fale em Bem Viveres, no plural, considerando que não existe um caminho universalmente traçado, sempre válido e eficiente, mas que a “solução” seria encontrada no caso concreto, nos diversos sujeitos, em suas variadas demandas e na aprendizagem coletiva. É com base nesse princípio que defendemos a desvinculação das cidades brasileiras às europeias, assim como a possibilidade de haver cidades com diferentes configurações no Brasil, de acordo com a história, valores e necessidades dos habitantes de cada uma delas.

#### 4 | CONCLUSÕES

Findamos essa breve reflexão reconhecendo que pensar em qualquer nível de superação do sistema capitalista, assim como em reconfiguração de cidades, parece algo utópico, sobretudo quando se faz a partir da filosofia do Bem Viver.

No entanto, a superação da forma como o capitalismo opera atualmente, das dimensões do colonialismo e das relações de exploração irresponsável dos recursos naturais no Brasil são necessárias, e não podem ocorrer sem que se passe pela reconfiguração das nossas cidades, local onde se tem de modo mais explícito os efeitos, tanto positivos quanto negativos, de tal sistema.

A filosofia do Bem Viver possibilita pensar em lugares onde os homens vivam em harmonia uns com os outros e com a natureza, de modo que, tê-la como norte em um processo que busque a reconfiguração das cidades, é objetivar a construção de lugares que sejam capazes de automanter-se e acolher pessoas que costumam viver em situações vulneráveis em nossas cidades atuais. Assim, trazer a discussão do Bem Viver para o cenário urbano, apesar do espanto inicial que possa gerar, se apresenta como pertinente e proveitoso, e em nosso entender, merece ser tratado com seriedade.

Isso, no entanto, não significa que defendamos que a filosofia do bem viver deve servir como norte à reconfiguração de toda e qualquer cidade brasileira. Sabemos que, no caso em questão, não se pode pensar em soluções prontas, sob o risco de se propor uma nova hegemonia ao invés de um ajustamento. Por isso, nossa proposta se limita a tentar contribuir com o desafio de pensar além do que já nos é dado, de construir horizontes libertadores para as cidades brasileiras, rompendo com os modelos que nos são impostos desde a Colônia e reconfigurando-as com base nas necessidades e valores de seus habitantes. Desse modo, temos a filosofia do Bem Viver, como dito, como uma alternativa pertinente e proveitosa de reconfigurar parte das cidades brasileiras e que merece ser discutida, mas não como a única.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paul: Companhia das Letras, 3ª edição, 1996.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo; Editora das Américas S.A. – EDAMERIS, 1961.

DEL NEGRI, André. **A Divisão no Espaço Urbano**. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2012.

DILGER, Gerhard; PEREIRA, Jorge. Apresentação à edição brasileira. Ousar pensar “fora da caixa”. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA NETO, Jorge (Org.). **Descolonizar o Imaginário**. Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.

FANI, Ana **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**, São Paulo: FFLCH, 2007.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes do Direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014

\_\_\_\_\_. **Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade**. Novos Cadernos NAEA, v. 12, n 12, 2009. Disponível em:

<http://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/327/513>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

IBANEZ, Mario Rodriguez. Resignificando a cidade colonial e extrativista. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA NETO, Jorge (Org.). **Descolonizar o Imaginário**. Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.

LANG, Miriam. Introdução. Alternativas ao desenvolvimento. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA NETO, Jorge (Org.). **Descolonizar o Imaginário**. Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro. [1968] 2008.

PONTES JUNIOR, Felício de Araújo; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. A natureza como sujeito de direitos. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA NETO, Jorge (Org.). **Descolonizar o Imaginário**. Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.

Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_regioes\\_rurais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_regioes_rurais.shtm) Acesso em: 22 de abril de 2017.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade. Na história e na literatura**; São Paulo: Companhia das Letras [1973] 1990.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139

Apartheid 39, 40, 41, 42, 139

Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139

Arte-Educação 10, 15, 16, 139

### B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

### C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139

Condição feminina 39, 41

Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139

Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

### D

Dança do Coco 1, 139

Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139

Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

### E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139

Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estudo de caso 49, 139

Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139

Experiências Dançantes 1, 5, 139

### I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139

Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139

Inversão de poder 39, 139

### L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

### M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139

Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139



## **P**

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

## **Q**

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

## **R**

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

## **S**

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**